RIO GRANDE: UMA PORTA DE ENTRADA E SAÍDA PARA AIDS⁺

CAROLINA DE COCH*
ELIANE SCHERER**
AIRTON GETELINO***
CARLOS EUGÊNIO ESCOVAR***
LUIZ LINHARES***
MARCELO ALMEIDA***
MARCOS TRINDADE***
MÁRIO CORSO***
PATRÍCIA ARRUDA***

RESUMO

Os autores deste trabalho têm por objetivo dar uma idéia do quanto a população do Rio Grande está informada a respeito da AIDS e se está ou não, mudando seu comportamento. Para tal, foram feitas mais de cem entrevistas com pessoas ligadas à área da saúde, religiosos e de outros grupos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

ABSTRACT

The authors of this work aim at giving an idea of how much the population of Rio Grande is informed in relation to AIDS and also if there has been any change in its behaviour. For this purpose more than one hundred interviews were held with people related to the health and religious areas and other groups as well.

KEY WORDS: Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS).

-
- * Professora Auxiliar de Ensino — Dep. de Patologia.
 - ** Acadêmica Curso de Medicina — Coordenadora do Trabalho.
 - *** Acadêmicos do Curso de Medicina.
 - + Trabalho realizado pelo Departamento de Patologia.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é esclarecer o pessoal envolvido na área da saúde, sobre como a população do Rio Grande encara, o que sabe realmente e como age frente à Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

Nossa tarefa visa apenas dar um panorama geral do grau de informação de nossa sociedade sobre esta perigosa doença, que já é uma das grandes pandemias do nosso século e que atinge as classes sociais sem distinção. O trabalho baseia-se exclusivamente em entrevistas feitas a todos os grupos de todas as classes sociais, inclusive àqueles de alto risco. As entrevistas têm, todas, um número de perguntas constantes (básicas) sendo que algumas perguntas surgiram momentaneamente, no entanto estão aqui registradas.

Em momento algum visamos esclarecer ou dissipar possíveis dúvidas que tenham surgido. Assim, notou-se nos presentes entrevistados, opiniões discrepantes.

Achamos conveniente entrevistar o Diretor do Hospital de Ensino, pois, como autoridade máxima dentro de nossa Faculdade de Medicina, poderia nos esclarecer dúvidas em relação ao comportamento e atitudes a serem tomadas frente a uma situação de baixa de pacientes com AIDS. Será que temos infra-estrutura?

Válido também foi entrevistar pessoas ligadas à área da saúde, para saber suas opiniões (nas respectivas áreas) sobre esta moléstia. Saber suas posições, seus temores, seus anseios e frustrações, quanto ao atual quadro da doença.

Ao entrevistarmos religiosos, queríamos servir, tanto de veículo de defesa, como de acusação, para conhecermos suas razões para algumas vezes tentarem pôr obstáculos frente às propagandas da AIDS. Tendo uma grande influência sobre a população, porque não ajudá-la na busca de um maior esclarecimento? Vale a pena obscurecer a realidade?

Mantivemos a posição mais objetiva na discussão x AIDS.

Grupos de risco, pela sua própria posição tão angustiante e preocupante, estão também aqui registrados. Mas por que será que essas pessoas, apesar da sua situação, arriscam suas vidas como um jogo, sem nem pensar em proteção? Será que nessas pessoas o sexo é mais forte que o amor pela própria vida? Ou será falta de informação?

Neste trabalho pensamos passar um pouco das idéias destas pessoas tão expostas ao vírus da AIDS e tão alienadas na maioria das vezes do perigo que corre.

Para finalizar, colocamos um grupo de risco separado, os hemofílicos. Este grupo, que, para manter suas vidas dependem de sangues estranhos (na maioria das vezes) e que podem determinar sua morte. Situação triste, porém real.

AIDS, será que realmente estamos informados sobre esta terrível doença?

QUADRO 1 – Relação dos grupos entrevistados

Diretor do Hospital de Ensino
Professor Universitário – Médico Microbiologista

Professora Universitária – Médica Imunologista
Ginecologista e Obstetra
Odontólogo
Farmacêutico Bioquímico
Hemofílico
Manicure
Prostitutas de ruas
Bailarinas
Homossexual
Homossexual casado
Amigo de Aidético
Sua Eminência o Bispo do Rio Grande
Membro da Igreja Católica
Membro da Igreja Adventista
Professor Publicitário

ENTREVISTADO Nº 01 – DIRETOR DO HOSPITAL DE ENSINO

“O nosso Hospital de Ensino junto à Santa Casa de Misericórdia ainda não tem nenhuma estrutura para hospitalizar aidéticos, por isso quando chega um paciente com AIDS toma-se a seguinte conduta:

- isolamento do paciente por não mais de 48 horas;
- transferência para centros especializados. No Rio Grande do Sul, o

Hospital das Clínicas.

“O novo Hospital de Ensino “Prof. Miguel Riet Corrêa Jr.” pretende ter à disposição dos aidéticos quatro leitos, para evitar erros anteriormente cometidos, onde ocorreram casos de baixa de aidéticos por mais de 48 horas, sem a direção ter sido informada. Pretende também dar atendimento psicológico, visto que estes precisam, principalmente na fase final.

“Médicos e enfermeiros nunca se recusaram a fazer cirurgias de urgência, podendo eventualmente recusarem-se a fazer cirurgias eletivas como: joanetes, meniscos, plástica, etc”.

ENTREVISTADO Nº 02 – PROFESSOR UNIVERSITÁRIO – MÉDICO MICROBIOLOGISTA

“A epidemiologia típica da AIDS, na qual se delimitam grupos de risco bem definidos, revela que o controle de sua incidência exigirá a participação de três itens: EDUCAÇÃO, TRATAMENTO E VACINAÇÃO. Exatamente nesta ordem e quando pudermos dispor de tratamento e vacinação adequadamente eficazes, o tripé do controle estará completo.

“A mudança do comportamento dos grupos humanos é um indicador de alta inércia e serão necessários alguns anos mais para termos idéia exata do

problema. A epidemiologia da AIDS não é privilégio deste ou daquele país e o combate à AIDS é responsabilidade de todos os países, sem qualquer exceção. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), conseqüentemente cabe ao Brasil assumir os encargos que lhe forem atribuídos.

“Acho que as propagandas têm sido inteligentes, mas tímidas. Existem comerciais muito mais agressivos em outras áreas e assistidos sem qualquer choque. Como o processo educacional é e será o mais importante, todo o indivíduo deve ter acesso à fontes claras, autênticas e intensas de informação.

“O Brasil pode ter uma contribuição importante. O que não aconselhamos é querer que o Brasil faça o mesmo que em outros países mais desenvolvidos, pois a solução do problema exige colaboração e não competição.

“Acredito que todos os que se dedicam ao aprendizado na área da saúde poderiam ajudar no controle da AIDS, pois são decisivos agentes multiplicadores de informação. Estudando e transmitindo a outros, nossos conhecimentos, estaremos mudando o significado das letras:

- A — para Autenticidade de ação formativa;
- I — para atividade Intensiva;
- D — para Dedicação e amor ao semelhante;
- S — enfim encontramos um porto Seguro.”

ENTREVISTADO Nº 03 — PROFESSORA UNIVERSITÁRIA — MÉDICA IMUNOLOGISTA

“Toda vez que temos uma doença que assume caráter epidemiológico é importante a prevenção da mesma, seja através da vacina ou através de cuidados especiais que possam impedir a contaminação.

“Acredito que de alguma forma as propagandas a respeito da doença, principalmente o modo de transmissão, alerta uma boa parte da população, aquela que tendo acesso aos meios de comunicação tem capacidade de compreender e condições de prevenir a doença. Quanto à população de risco, devem estar tomando precauções para não só impedir sua contaminação com o vírus como também a difusão do mesmo.

“No Brasil, as coisas estão sendo tratadas com muita seriedade e o que é mais importante, com pouca perseverança pelos órgãos competentes.

“Acho que o pessoal da área da saúde deveria olhar à medicina de uma maneira geral, de uma forma preventiva, atingindo toda a nossa população e não somente uma porção privilegiada economicamente.”

ENTREVISTADO Nº 04 — GINECOLOGISTA E OBSTETRA

“Depois que aumentou a divulgação sobre a AIDS e os riscos que ela traz, ocorreu uma maior preocupação por parte das futuras mães no sentido de preservarem a si e ao conceito.

“Procuro dar maiores esclarecimentos tanto para as mães como para as

pacientes ginecológicas, explicando o modo de contágio, prevenção e conseqüências que a enfermidade traz.

“Acho que uma pessoa por ter contraído a doença pode ser tratada, sendo que o médico deve tomar mais cuidado ainda.

“Como médico não aconselharia o aborto, já que este só pode ser indicado em caso de estupro ou em caso que a mãe corra risco de vida. Como pessoa, eu indicaria o aborto, pois mesmo não sendo nada certo, há grandes possibilidades de o recém-nascido ser aidético.”

ENTREVISTADO Nº 05 – ODONTÓLOGO

“Se houvesse um maior esclarecimento sobre a AIDS, esse número crescente de casos já teria estacionado e com o passar do tempo a tendência seria diminuir. Sempre esterilizo o material e trato todos os pacientes da mesma forma, pois todos são suspeitos, não dispensando compreensão, carinho e solidariedade. Assim, é uma maneira de tornar menos difícil os dias de uma pessoa que sabe que está condenada à morte.

“Não uso luvas, embora saiba que corro certo risco de contrair a doença, mas o uso destas traria um certo constrangimento por parte do paciente.”

ENTREVISTADO Nº 06 – FARMACÊUTICO BIOQUÍMICO

“Há uma defasagem muito grande entre a conscientização real e a publicidade. Acredito que a procura pelos exames deveria ser maior, embora muitos façam os exames fora daqui e vice-versa.

“Houveram de 11 a 13 casos positivos, dentro de uma faixa etária de 20 a 30 anos de diversas profissões.

“Os portadores tiveram várias reações como:

- aumentaram o número de parceiros (as);
- suicídio.

“Deveria haver um maior investimento no diagnóstico e controle da doença e um menor sensacionalismo.”

ENTREVISTADO Nº 07 – HEMOFÍLICO

“Tenho de ir ao hospital tratar de uma doença e sair com outra. Já pensei em não transfundir mais. Fico adiando a transfusão até o último momento e só vou ao hospital quando tenho muita perda de sangue.

“O governo deveria fazer um controle mais rigoroso nos Bancos de Sangue e também publicar os nomes de aidéticos e portadores da doença.”

ENTREVISTADO Nº 08 – MANICURE

“Tenho pouquíssima noção sobre a AIDS. Não adoto nenhuma

medida preventiva. Quando começou a divulgação sobre a AIDS diminuiu a procura pelo meu serviço, mas agora isso não acontece. Há pouca preocupação por parte das pessoas."

ENTREVISTADO Nº 09 – PROSTITUTAS DE RUA

Esta entrevista é uma das mais importantes, juntamente com a das bailarinas e do homossexual (casado), devido ao seu trabalho estar diretamente e praticamente, diariamente, ligados ao risco de contrair e transmitir AIDS. As respostas foram 100% desanimadoras. Na pergunta: o que é AIDS? responderam:

– "Não sei, não acredito nisso. Penso que é castigo de Deus e se tiver que pegar, pego. Não tenho medo."

Outra resposta que nos chocou foi acreditarem que apenas os homens com aspectos de sujo transmitem a doença. Homens limpos não podem ter AIDS.

De três prostitutas, apenas a de 16 anos de idade exigia que o parceiro usasse preventivo. A maioria não acha necessário o preservativo e não pensam em gastar seu dinheiro com a camisinha. Se o homem quiser usar, que traga ele mesmo. Como se o problema fosse só deles contraírem a doença, e não elas.

As prostitutas entrevistadas tinham em média 10 parceiros por dia, mas nenhuma demonstrava ter conhecimento do assunto e também não pareciam ter preocupação com a AIDS. Gostariam de fazer o teste sorológico, mas não é de seu alcance econômico. Preferem que seja gratuito.

O número de parceiros teve uma pequena baixa quando começou a polêmica ao redor da AIDS, mas agora o número de parceiros voltou ao normal e até aumentou, em todas as faixas etárias. Raramente comentam sobre a doença com seus companheiros. Os que possuem "preocupação" são os homens casados.

As respostas eram às vezes muito contraditórias, o que confirmava a sua ignorância total a respeito do assunto.

ENTREVISTADO Nº 10 – BAILARINAS

Não se preocupam com a doença. Não exigem de seus parceiros o uso de preventivos, apesar de uma das bailarinas ter conhecido três aidéticos e ter feito o teste Elisa, o qual deu negativo. Acham o teste muito caro e que deveria ser gratuito, e também deveriam publicar uma lista com os nomes dos aidéticos. Sentem a falta de preocupação por parte das autoridades em controlar a doença. Elas contam:

"Muitos sabiam que uma bailarina de uma boate havia contraído a doença porém, ela continuou mantendo relações deliberadamente até que um agente da Polícia Federal a impediu de continuar trabalhando. Sabemos hoje de contaminados por ela."

Nós perguntamos: Estes saberiam que estavam mantendo relações com uma pessoa contaminada?

"Aqui em Rio Grande são raros os que se preocupam com o assunto. É mais fácil nossos parceiros falarem que o supermercado está caro, que o carro está

com defeito, que o dólar subiu, do que se preocuparem com a AIDS.

“Muitos países exigem que os estrangeiros façam o exame ao retornarem. Por que aqui isso não ocorre?”

“O número de parceiros estrangeiros diminuiu muito. Preferem pagar para ficarem conversando, mas não para manterem relações. Estão muito preocupados, ficam sempre nos observando. Se notam em nós algum machucado ou que estamos cansadas, já falam em AIDS.”

ENTREVISTADO Nº 11 – HOMOSSEXUAL

“Acho que é uma doença que arrasa a humanidade e que viciados em drogas injetáveis são os que correm mais risco de contraírem a AIDS. Uma maneira de evitar de pegar a doença é limitar o número de parceiros. Agora não nos preocupamos muito, possuímos um grupo fechado, mas no começo ficamos meio assustados.”

ENTREVISTADO Nº 12 – HOMOSSEXUAL CASADO

“Já fui casado, tenho inclusive filhas, morei em São Paulo, foi lá que tomei conhecimento desta doença. Mudei meu comportamento, reduzindo drasticamente o número de parceiros sexuais. Acredito que se adquira principalmente por sexo anal e que o preservativo embora não seja muito seguro é a única forma de precaução. AIDS é a praga do fim do século.

“Se meu parceiro adquirisse AIDS, daria ajuda material e espiritual, impedindo que continuasse mantendo relações sexuais com outros, pois considero crime.

“Meus companheiros não se preocupam, acham que se morrerem é porque tinha de acontecer, cada vez mantém mais relações, pois para muitos é uma forma de sobrevivência.

“Acredito que o número crescente de aidéticos é devido aos bissexuais e não aos homossexuais, pois uma coisa que me surpreende é o número de homens casados que procuram os nossos serviços. Uma proporção de 8:10.

“Tenho uma dúvida: Porque não fazem exames nos embarcados?”

ENTREVISTADO Nº 13 – AMIGO DE AIDÉTICO

“Quando começou a desconfiar que estava com AIDS, continuou trabalhando, vindo a isolar-se posteriormente. Teve grande perda de peso, febre, ficou muito pálido. Seu corpo ficou cheio de feridas, principalmente nos braços e rosto (Sarcoma de Kaposi). Não suportava muito a luz.

“Houve um grande medo e receio por parte da família. A empregada recusava-se a entrar no quarto. Colocava a comida na porta e ele a buscava. Alguns amigos continuaram visitando-o.

“O aidético teve grande tendência ao suicídio e se pudesse mataria a pessoa que o contaminou. Sua vida tornou-se restrita a um quarto até chegar à morte”.

ENTREVISTADO Nº 14 – SUA EMINÊNCIA O BISPO DO RIO GRANDE

“A posição da Igreja em relação à AIDS é igual a das outras doenças. Não rejeitando e sim ajudando a vencer este tempo que resta. A Igreja insiste no tratamento, crendo numa atitude cristã de todos frente ao sofrimento. Cristo assumiu todo sofrimento. Uma forma de se tornarem melhor é ajudar o mundo a ser melhor. Todo sofrimento assumido livremente é um sofrimento libertador, é uma oferta de sua vida. Têm muitas manifestações ecológicas, de preservação disso, preservação daquilo, mas a natureza preciosa não tem preservação, que é a natureza humana, é a vida que deve ser preservada.

“Uma maneira de evitar a AIDS é a não exploração da sexualidade, é o sexo a serviço da vida, não fora da vida do casal, não fora da natureza humana normal.

“Os que não tem uma sexualidade normal (prostitutas, homossexuais, etc...) precisam de assistência psicológica, necessitam de tratamento, pois parecem ter desprezo pela vida.

“Acima de tudo, insistiria na compreensão para com os doentes, uma prevenção necessária que é a educação pessoal, com cultivo da oração e uma vida de piedade. Sem oração não conseguimos nada enfrentar. Precisamos de continência do uso certo da sexualidade. Não se pode abusar da vida e dos meios que Deus nos deu.

“O aidético é um irmão nosso que precisa de ajuda, independente do que tem. É um sinal presente que é preciso não apenas tratar os efeitos e sim resolvermos as causas.

“As propagandas, nos meios de comunicação são muito superficiais. Deviam ser tratadas com mais discrição e não como se fosse a morte de animais, um acidente de carro ou uma floresta em chamas. Nos outros países são feitas no sentido pessoal, aqui falta um trabalho de educação, conscientização. Deveria ser montado no Centro de Saúde um plantão permanente para informação, um trabalho em fábricas, indústrias, escolas, etc... Toda sociedade deve ser envolvida. Não se pode combater superficialmente. Tem de ter um auxílio mútuo.”

Perguntamos se realmente a Igreja havia sido contra diversas propagandas sobre AIDS, nos meios de comunicação, propagandas referentes ao uso de condon, por serem meios anticonceptivos. Sua Eminência o Bispo respondeu-nos que:

“A Igreja é contra meios anticonceptivos (Encíclica Humanae Vitae 1968, carta do Papa Dom Paulo VI), mas foi contra, não por a propaganda ser sobre o uso de preservativo, mas sim pela maneira como foi exposta, pois parecia que se o indivíduo usasse o preservativo poderia continuar normalmente com suas atividades, mantendo relações constantes com qualquer parceiro(a). Como se o preservativo resolvesse tudo. Use preservativo e não se preocupe com a AIDS. A Igreja foi contra, por achar que aprovava o homossexualismo, uso antinatural do sexo.”

ENTREVISTADO Nº 15 – MEMBRO DA IGREJA CATÓLICA

“A Igreja não tem posição definida em torno da AIDS, causada por anomalia transmitida por sexo mal usado. Combater as causas, não erradicar as causas do erro, proteger. Deus condena o pecado e não o pecador.

“A AIDS serviu para muitos meditem sobre a vida que levam. É uma coisa criada pelo próprio homem; surgiu devido ao mau uso do sexo.

“Todo cristão diante do doente deve tomar a posição de Jesus Cristo, condenando o pecado e dedicando muito amor ao pecador.”

ENTREVISTADO Nº 16 – MEMBRO DA IGREJA ADVENTISTA

“A Igreja acha que a AIDS é uma consequência do pecado. Existe uma preocupação em orientar as pessoas sobre o tema, através da revista ‘Vida e Saúde’ e congressos; inclusive em alguns dos nossos hospitais onde há tratamento para aids, estão sendo realizadas pesquisas sobre o vírus da AIDS nos centros adventistas dos EUA.”

ENTREVISTADO Nº 17 – PROFESSOR – PUBLICITÁRIO

“Acho que as propagandas são feitas para uma determinada classe de pessoas, para quem já tem algum conhecimento a respeito da doença. Não tem alcance de massa. São duvidosas, não esclarecedoras. São bem feitas, mas não óbvias. Deveriam ser mais cruas, agressivas, que chocassem mais. O povo gosta de violência, de sangue. Deveriam aparecer menos vezes para ter mais impacto, deixar na expectativa. Propagandas mais realistas, mais a nível de grupo de risco, que englobassem temas que o povo gosta; como:

“Pedro adora carnaval, mas este ano não poderá ir por ter tomado atitudes promíscuas no ano anterior (usou drogas, relações sexuais indiscriminadamente, sem selecionar parceiros). A propaganda deve deixar claro que não é o carnaval que traz a enfermidade, mas sim atitudes libertinas antes e no decorrer deste.”

CONCLUSÃO

Baseados nas entrevistas realizadas, chegamos a uma alarmante conclusão: que a população da nossa cidade está muito desinformada a respeito da AIDS.

Perguntas fundamentais como: O que é AIDS? Para que serve o preservativo? Foram respondidas corretamente apenas pelos entrevistados ligados à área da saúde.

Acreditamos que essa desinformação generalizada é devido às propagandas dos meios de comunicação de massa não serem facilmente entendidas, não atingirem a todos os níveis sociais. A complexidade das palavras

pode até variar, mas a informação básica deve atingir a todos.

Colaborando para essa desinformação, citamos centros educacionais católicos que se recusam a dar entrevistas. Estes, por serem responsáveis pela educação de jovens que necessitam de instrução, não tiveram nenhum interesse, tanto em ceder entrevista como deixar-nos realizar as mesmas com os alunos.

O outro grupo que se recusou foram os drogados, que apesar de serem um dos maiores grupos de risco¹, achavam que a droga não tem nada a ver com a AIDS. No entanto, sabe-se que é grande o número de aidéticos devido ao uso de drogas injetáveis. Também não podemos culpá-los por esta desinformação, pois foram retiradas dos meios de comunicação as propagandas que explicavam que uma mesma seringa usada por várias pessoas é uma grande forma de disseminar a AIDS. Estas, foram retiradas por "acreditarem" que induziam os jovens a consumirem drogas. No entanto, há dois anos atrás eles eram apenas em 2%, atualmente estão em 14%. Será que se as propagandas tivessem continuado, este número seria tão estupidamente enorme?

Cada vez é maior o número de crianças que nascem sem ter o que comer.

Cada vez é maior o número de crianças que nascem contaminadas pelo HIV.

Quer dizer que além destas morrerem de fome, vão morrer por estarem contaminadas? Comida elas podem pedir nas ruas, mas vacina não existe, nem em laboratórios. Será que é esta a lei que diz todos terem direito à vida?

Acreditamos que se houvesse um maior interesse por parte das pessoas ligadas à área da saúde, da educação, políticos, empresários e meios de comunicação de massa, o número de casos de AIDS não seria tão alarmante.

Na nossa cidade, o porto é um grande foco de disseminação. Se fôssemos subitamente acometidos maciçamente pelo HIV, saberíamos enfrentar esta situação? É tão difícil exigir, no mínimo, o teste de AIDS negativo?

Será que o governo não diminuiria o gasto exorbitante no tratamento dos aidéticos se investisse em campanhas mais rigorosas que alertassem a população.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à professora Maria Noel G. de Coch e ao professor Daoiz Mendoza, pela ajuda, esclarecimentos e idéias incorporadas ao nosso trabalho, sem as quais não teria a abrangência dada.

¹ É considerado, hoje em dia, como grupo de risco toda pessoa que tiver tatuagem.

Em Rio Grande não encontramos um tatuador, para saber se toma alguma medida no sentido de evitar a transmissão da AIDS.

QUADRO 2 — Opiniões de todos os entrevistados sobre as propagandas nos meios de comunicação.

Diretor do Hospital	escandalosas, tendenciosas, podem causar histeria; não esclarecedoras.
Microbiologista	vide entrevista.
Imunologista	vide entrevista.
Ginecologista e obstetra	São importantes para esclarecimento da população.
Odontólogo	são valiosas à medida que esclarecem.
Farmacêutico e bioquímico	maior investimento no diagnóstico e controle; deviam ser menos sensacionalistas.
Hemofílico	não são muito verdadeiras. Assustam muito o povo.
Barbeiro	deveriam ser mais instrutivas. Pouco esclarecedoras.
Psicóloga	sensacionalistas e aterrorizantes.
Manicure	boas; deviam aparecer com mais frequência; explicar sobre prevenção.
Prostitutas	são fracas, mas úteis. Importantes para quem está entrando na vida de prostituição.
Bailarinas	horríveis; não são reais. Têm que ser mais claras, são fracas. Deviam esclarecer o que é AIDS.
Homossexual	são válidas. Uma maneira de prevenir a doença.
Homossexual (casado)	fracas; poucas; deveriam ser mais divulgadas. No Brasil não levam nada a sério.

QUADRO 3 – Opinião de grupos entrevistados (em percentagem)

CÓDIGO: 5º ano de Medicina
 2º ano de Medicina
 II Grau – 3º ano
 E.R. – entrevista de rua

Respostas	5º	2º	II grau	E.R.
Ótimas		14,8%		
Boas		28,5%	34,6%	20,8%
Fracas		42,5%	30,7%	12,5%
Confusas			3,8%	
Informativas		28,5%		
Sensacionalistas		14,2%	11,5%	
Apelativas e tendenciosas		14,2%		
Linguagem pouco acessível			19,2%	12,5%
Pouco esclarecedoras	28,5%		30,7%	37,5%
Necessárias	14,2%		7,6%	20,8%
Pejorativas e aterrorizantes	28,5%		19,2%	
As revistas não esclarecem		28,5%	7,6%	
Esclarecedoras e de total apoio			3,8%	
Precisam ser preventivas e não alarmistas			3,8%	
Péssimas. "Não entende nada."				8,3%
Povo não dá importância				16,5%
Deveria ter menos propaganda				8,3%
Não atinge todas as camadas		56,8%	46,3%	47,6%
Divulgadas mais freqüentemente	28,5%	28,5%	11,5%	20,8%
Que apresentam uma idéia do que é AIDS	71,4%	57,1%	30,7%	37,5%

QUADRO 4 — Propagandas no exterior

Suíça	governo distribuiu papeletas sobre AIDS a todos os domicílios do país, com cópias disponíveis gratuitamente em todos os postos do correio.
Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia	propagandas de educação ao público têm sido planejadas com auxílio de agentes de publicidade comercial.
Alemanha Ocidental e Holanda	anúncios e mensagens pelo rádio e televisão, promovendo o uso de preservativos.
Estados Unidos	muitos programas educacionais se concentram em informar ao público grande. No estado da Califórnia há mensagens sobre AIDS no rádio, televisão, no cinema e nas escolas são fixados cartazes. A Cruz Vermelha norte-americana tem desenvolvido filmes, shows e outros materiais educacionais para uso geral, ou para serem adaptados a público específico.
Chile	governo financiou uma linha telefônica especial, fornecendo informações sobre AIDS; sendo que os homens são os que mais procuram.

QUADRO 5 — Conhecimentos apresentados pela população em geral sobre AIDS.

CÓDIGO:	5º ano de Medicina
	2º ano de Medicina
	II grau — 3º ano
	ER — entrevista de rua
	S — sabem
	V — vago
	NS — não sabem
	Total de entrevistados: 120

1 - Você sabe o que é AIDS?

5º S	- 100%				
2º S	- 75%	V	- 25%		
II S	- 40%	V	- 15%	NS	- 45%
ER S	- 20%	V	- 10%	NS	- 70%

2 - Como você pode evitar a AIDS?

5º S	- 100%				
2º S	- 75%	V	- 25%		
II S	- 60%	V	- 8%	NS	- 32%
ER S	- 43%	V	- 10%	NS	- 47%

3 - Como se adquire AIDS?

5º S	- 100%				
2º S	- 80%	V	- 20%		
II S	- 60%	V	- 8%	NS	- 32%
ER S	- 30%	V	- 20%	NS	- 50%

4 - Quais os sintomas que levariam você a procurar um médico?

5º S	- 83,4%	V	- 16,6%		
2º S	- 80%	V	- 20%		
II S	- 30%	V	- 20%	NS	- 50%
ER S	- 25%	V	- 30%	NS	- 45%

5 - Qual a sua posição frente a um aidético?

5º como médico - 100% normal
como pessoa - 75% receio

2º ajudaria - 75%
receio - 25%

II ajudaria - 83,4%
receio - 8,3%
NS - 8,3%

ER ajudaria - 47,7%
receio - 33,3%
manteria relações sexuais - 78%

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- THE ACQUIRED immunodeficiency syndrome (AIDS); memorandum from a who meeting. Atlanta. Departamento de Saúde dos Estados Unidos e Organização Mundial da Saúde, 1985.
- CASTRO, B. G.; CARVALHO, E. A.; PEREIRA, H. G. Etiologia, epidemiologia e clínica da doença fatal que em poucos anos espalhou-se por todo o continente. Revista Ciência Hoje, 5(27):26-37, 1986.
- GRIFFITH, J. T. The virology of AIDS; taxonomy, molecular biology and pathogenicity. Journal of Medical Technology, 3(3), 1986.
- HARREY, Juhn; McKusick, Owens; Ross. "The Principles and Practice of Medicine". 22 ed. Baltimore, Maryland, International, 1988. p. 164, 303, 464, 482-486, 815.
- HARRISON, "Medicina Interna". Rio de Janeiro, Koogan. 1988. p. 425-482, 635, 738-747, 1288-1290.
- LEWANDOWSKI, A. J. The immunopathogenesis of AIDS. Journal of Medical Technology, 3(3), 1986.
- MAYER, K. H. The impact of AIDS on healthy care personnel. Journal of Medical Technology, 3(3), 1986.
- VERONESI, Ricardo. Doenças Infecciosas e Parasitárias. 7 ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. p. 1987. 1170-1191.